

CAPÍTULO 5

**Miguel Monteiro (1996),
Migrantes, Emigrantes e Brasileiros,
Territórios, itinerários e trajectórias,
Braga, Universidade do Minho,
Braga**

6. MOBILIDADE E ESTRUTURAS SOCIAIS

6.1 Emigração individual e colectiva

Quadro 31 - Passaportes individuais e colectivos dos naturais e residentes em Fafe e que emigraram entre 1834-1926

PASSAPORTES COLECTIVOS					
Passageiros por passaporte	Nº de passaporte	Total de passageiros	total parcial	%	total global
8	2	16		0.2	
7	5	35		0.5	
6	7	42		0.6	
5	14	70		1.0	
4	42	168		2.3	
3	93	279		3.9	
2	408	816		11.0	
			1426	19.5	
PASSAPORTES INDIVIDUAIS					
1	5895	5895	5895	80.5	7321

Para um total de 7321 passageiros, 1426 emigraram em grupo e 5895 requereram passaporte individual. Ou seja, 20% dos passageiros emigraram com o mesmo passaporte, o qual serviu entre 2 e 8 emigrantes e, 80,5% saíram com passaporte individual.

Se a grande maioria dos emigrantes requereu passaporte individual, 11% dos naturais e/ou residentes saíram em grupo de dois, 4% em grupo de três, 2% em grupo de quatro e 1% em grupo de cinco pessoas.

Do que se conclui que o passaporte servia predominantemente indivíduos singulares, em segundo lugar serviam indivíduos do mesmo grupo etário, em terceiro lugar os membros da mesma família (mulher, filhos, sobrinhos, enteados) e ainda os criadas, principalmente quando se tratava de reemigração.

6.1.1 Emigração e reagrupamento familiar

«Não é costume entre nós emigrarem famílias inteiras; são raras as que o fazem, e por conseguinte desembarcaram em cinco anos, só no porto do Rio de Janeiro 2:117 crianças menores de catorze anos, quase todos entregues a si mesmas ou com uma pequena recomendação, é fenómeno digno de sério estudo, e que não pode deixar de impressionar profundamente»⁴⁵

Quadro 32 - Idades dos que emigraram com passaportes colectivos

Idades	Total	Idades	Total	Idades	Total	Idades	Total	Idades	Total
1	25	16	14	31	29	46	11	61	2
2	23	17	14	32	25	47	12	62	0
3	26	18	11	33	33	48	12	63	2
4	21	19	15	34	27	49	11	64	1
5	17	20	20	35	32	50	8	65	1
6	24	21	21	36	14	51	8	66	0
7	23	22	29	37	19	52	5	67	0
8	34	23	28	38	20	53	10	68	0
9	39	24	18	39	34	54	7	69	0
10	55	25	22	40	27	55	5	70	0
11	73	26	22	41	13	56	4	71	0
12	60	27	30	42	20	57	3	72	1
13	73	28	24	43	13	58	3	73	0
14	21	29	24	44	14	59	1	74	0
15	17	30	33	45	15	60	2	75	0

⁴⁵ Faculdade de Direito - Universidade de Coimbra, Uma comissão de estudantes eleitos pelo respectivo curso - Da emigração em geral e em especial da emigração portuguesa - Relatório apresentado na Aula de Administração e Direito Administrativo, Coimbra, Imprensa Comercial e Industrial, 1876, p.106

Total	531	Total	325	Total	335	Total	102	Total	7
%	41	%	25	%	26	%	8	%	0

Como dissemos atrás, em 7321 emigrantes, 5895 saíram com passaportes individuais e 1426 saíram com passaporte colectivos, o que corresponde a 20% do total de emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe, entre 1834-1926. Destes sabemos as idades de 1300, ou seja, identificamos as idades de 18% dos que saíram em passaportes colectivos.

Pelo quadro anterior verificamos que 41% tinham menos de 15 anos; 25%, entre 15 e 30; 26%, entre 30 e 45; 8% entre 45 e 60 anos inclusive.

Assim, porque os passaportes colectivos correspondiam a 20% do total e dentro destes 11% serviam dois indivíduos, sendo 41% menores de 15 anos, conclui-se e confirma-se do forte predomínio dos grupos etários jovens na emigração e a reduzida emigração familiar.

Quadro 33 - Distribuição anual dos passageiros por passaporte dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe, entre 1834-1926

anos	1	2	3	4	5	6	7	8	anos	1	2	3	4	5	6	7	8
1834	11	1							1879	42	3			1			
1835	1	1							1880	52	19	5	2				
1836	8	1							1881	48	3	1	1				
1837	9	1							1882	60	10		1				1
1838		2							1883	103	13	2					
1839									1884	72	4	2	1				
1840									1885	38	2	3					
1841	3	1							1886	62	7	1	2				
1842	1								1887	82	6	4					
1843									1888	144	6	2	2	1			
1844	3								1889	100	6	3	1				
1845									1890	110	8	2	1	1			
1846	1								1891	145	16	4					
1847									1892	50	4	2	1				8
1848	2								1893	74	10		1	1			
1849									1894	79	6	3	2	1	1		
1850									1895	131	9	4	1	1		1	
1851									1896	134	11	2	3	1			
1852									1897	76	5	4	1	1	1		
1853	20	1							1898	122	5	4	1	2			
1854	20	1							1899	79	6	2	2				
1855	21	1			1	1			1900	99	2	1					
1856	49								1901	60	5	1	1		1		
1857	151	11							1902	80	3	1					
1858	150	8	2						1903	83	2		1			1	
1859	108	7	3		1				1904	130	8	1	2	1		1	
1860	89	3							1905	109	5	1	1			1	
1861	124	9	3						1906	115	7	2					
1862	112	7							1907	199	12	2	3				
1863	81	1							1908	130	7	1	1		1		
1864	78	8		1					1909	89	4						
1865	64	11		1					1910	89	10						
1866	60	2							1911	139	5	1					
1867	59	2							1912	150	10	3	2				
1868	64	3		1					1913	150	7			1	1		
1869	69	6	2			1	1		1914	83	7	5	1				
1870	84	1	1	1					1915	18	1	1					
1871	128	10		1					1916-21	0	0	0	0	0	0	0	0
1872	139	15	1						1922	42	1	1	1				
1873	19	7	2						1923	143	2						
1874	105	6	2						1924	129	3						
1875	118	7	1	1			1		1925	12	2	1					
1876	75	5	1	1					1926	5	1						
1877	71	6	1														
1878	31	1	2														

Gráfico 32 - Dispersão de passaportes e passageiros, entre 1834-1926, dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe.

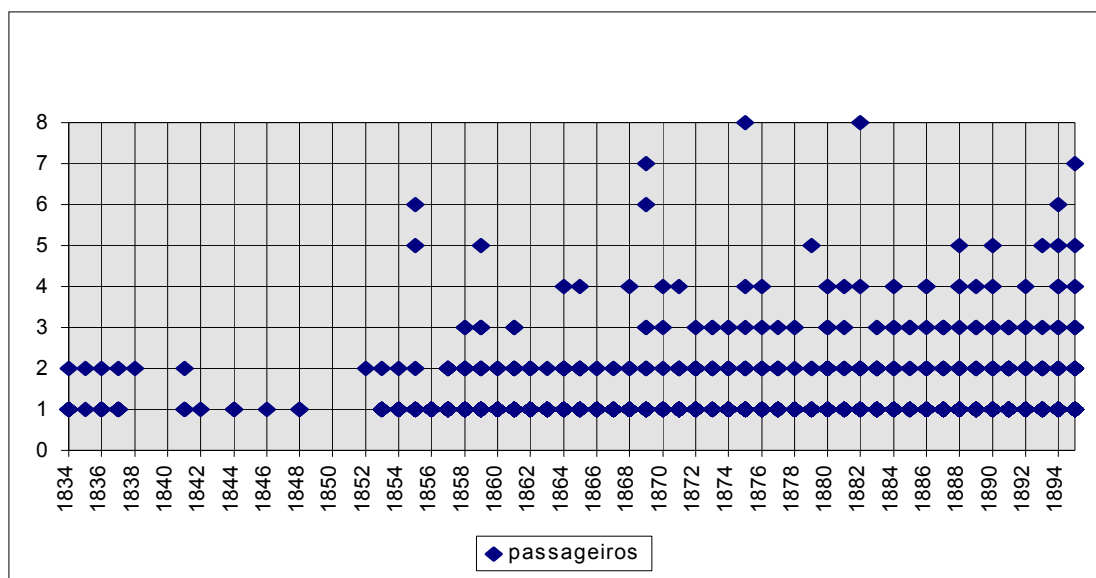
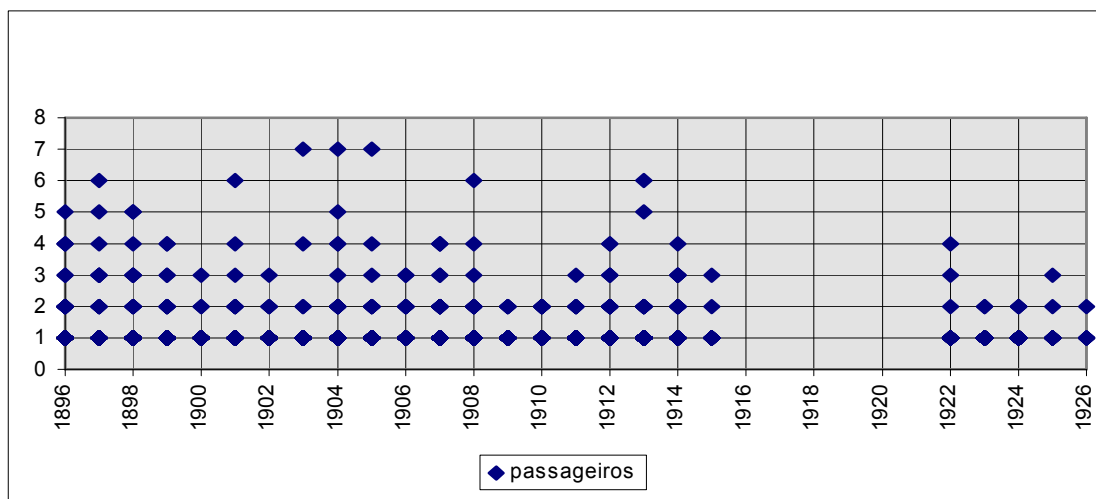


Gráfico 33 - Dispersão de passaportes e passageiros entre 1896-1926, dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe.



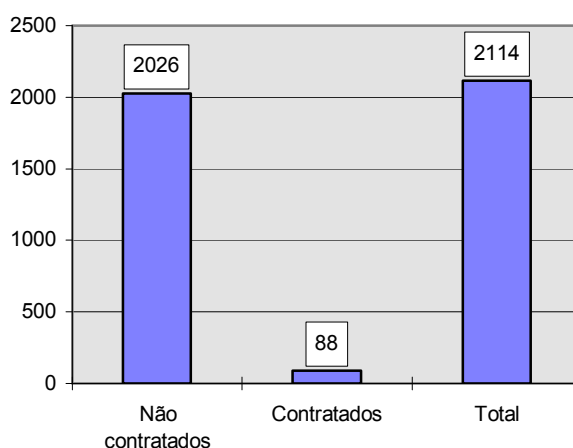
Pela leitura do gráfico se infere que a emissão de passaportes para um e dois passageiros se verifica ao longo de todo o período estudado. Entre 1869 e 1908, verifica-se a emissão para o caso de três e quatro passageiros. A emissão para cinco passageiros apenas se verifica entre 1888 e 1898. A partir de cinco até oito passageiros a distribuição é aleatória desde 1855 até 1914, notando-se, contudo, uma certa regularidade entre 1888 e 1898, no caso de cinco passageiros por passaporte.

6.2 Emigração de contratados e não contratados - (1834-1889)

Quadro 34 - Contratados e não contratados, naturais e/ou residentes em Fafe, entre 1834 e 1889

Contratação	Parciais	%
Não contratados	2026	96
Contratados	88	4
Total global	2114	100

Gráfico 34 - Contratados e não contratados, naturais e/ou residentes em Fafe e que emigraram - (1834 e 1889)



Uma dos aspectos interessantes da emigração é verificar que a administração refere expressamente entre 1834 e 1889, que o emigrante era contratado ou não, sendo designados como engajados e não engajada. A partir de 1889, deixa de se fazer referência a essa situação.

Como se pode ver no quadro e gráfico anteriores, são referidos com sendo indivíduos "não engajados". Entre 1834 e 1889, não contratadas, eram 96%, e, 4% como "engajados" ou contratados, no total de 2114.

Eram referidos nos passaportes, com muita frequência, o nome dos contratantes e a sua residência e que exerciam a actividade em Fafe: Joaquim José de Araújo

Machado, de Vila Verde; Pinto e Rocha, do Porto; António Pinto de Campos Brito, de Barcelos; Manuel de Oliveira, do Porto; José Joaquim da Silva Rosa, de Vila Verde; Joaquim Duarte de Matos, do Porto; José João Ribeiro.

Jorge Alves refere, para o caso dos clandestinos, que estes vêm do Porto e distritos circundantes, «havendo nestes anos de 60 uma clara preponderância do distrito Braga (Vieira, Amares, e, sobretudo de Fafe) o que não admira, dado ser muito operativa uma rede de engajadores que tinha nestas zonas os seus principais agentes, conhecidos da opinião pública por levarem periodicamente rapazes para o Porto, com destino ao Brasil, e que, no seguimento das investigações do escândalo Monteiro 2º vai ser desmantelada, pelo menos em parte.»⁴⁶

Podemos concluir que a contratação legal não é significativa. Pelo contrário, a ilegal deveria ter sido elevada, dado o número dos que identificamos como emigrantes de retorno sem que tenhamos encontrado registos oficiais da sua saída.

6.3 Filiação e emigração

Dado que tínhamos observado uma forte presença de indivíduos menores de 14 anos, procuramos saber se o tipo de filiação, ou seja, se a condição de nascimento influenciava a emigração.

⁴⁶ Alves, Jorge Fernandes, Os Brasileiros - Emigração e Retorno no Porto Oitocentista, Porto, Ed. Autor, 1994, p.157

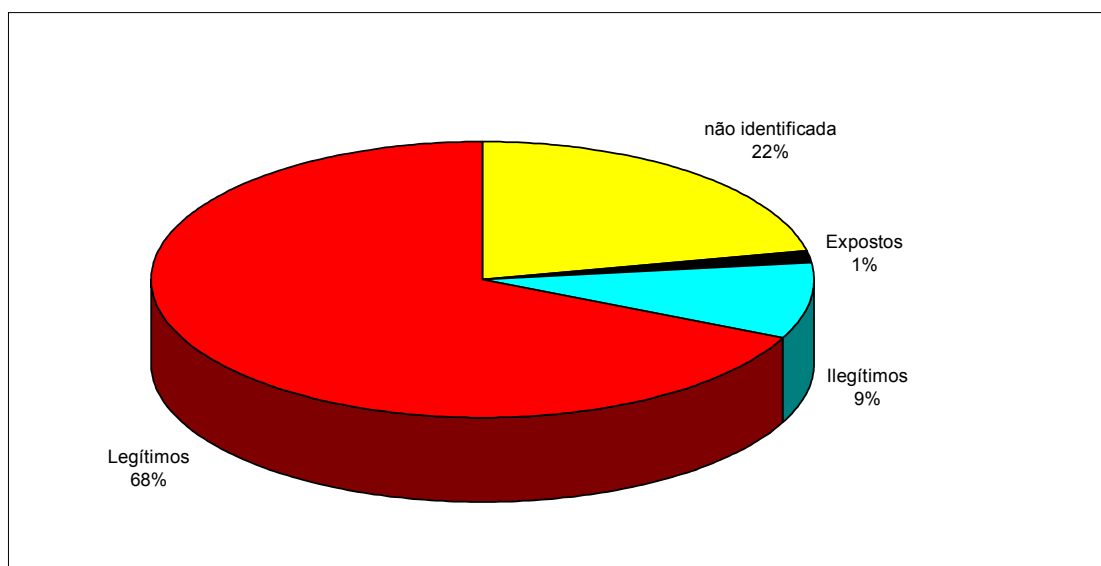
Quadro 35 - Filiação dos naturais e/ou residentes em Fafe e que emigraram entre 1834-1926.

Tipo de filiação	Total parcial	%
Não identificada	1582	21.6
Expostos	105	1.4
Ilegítimos	642	8.8
Legítimos	4992	68.2
Total Global	7321	100

Pelo quadro e gráfico junto, inferimos, que 68% dos emigrantes eram filhos legítimos, 9%, eram filhos de mães solteiras e 1,4% eram filhos de pais incógnitos, não sendo identificada a filiação de 22%, pelo que inferimos não haver uma forte relação da filiação à emigração, ainda que não tínhamos dados que nos informe da legitimidade e da ilegitimidade no concelho.

Os registos indicam com frequência, e no caso dos indivíduos filhos de pais incógnitos, o lugar onde foram expostos, onde foram baptizados, o nome da ama, a residência no momento da saída, para além do nome e da idade. Através destas informações ficamos a saber que eles eram naturais de Fafe, Braga, Guimarães, Felgueiras, Vale Passos, Celorico e Cabeceiras de Basto.

Gráfico 35 - Tipo de filiação dos naturais e/ou residentes em Fafe e que emigraram entre 1834-1926.



6.4 Estatutos sócio - profissionais da migração

Do total de 3510 requerentes de passaporte interno, apenas sabemos as profissões ou ocupações de 202, ou seja, 6% dos migrantes, correspondendo a 32 profissões ou ocupações diferentes.

Para uma mais fácil leitura das mesmas, organizámo-las em quatro classes ou categorias. Dado que nem sempre uma ocupação corresponde a uma profissão, tornava-se discutível estruturar uma classificação, porque, nas sociedades camponesas ou agrárias, os limites das ocupações não ligadas à terra, são difíceis de demarcar, já que quase todas as ocupações rurais são exercidas complementarmente à agricultura e com quadros sociais distintos.

Encontramos cinco ocupações distintas ligadas à terra: proprietário-lavrador, lavrador-caseiro, trabalhador, jornaleiro e criado.

No contexto agrário, não basta fazer distinções entre proprietários, caseiros e jornaleiros, o que pressupõe conceitos de propriedade e não propriedade diferentes, bem como distintos processos de ligação individual e familiar à terra e, conseqüentemente lugares sociais diferenciados.

Interessa-nos aqui ver como estas designações surgem ligadas de forma diferente, quer na quantidade migratória, quer quanto aos destinos.

Por outro lado, e dado que o trabalho agrícola no Minho corresponde a dois ciclos com ocupação intensiva de toda a comunidade e das famílias, principalmente nos períodos de Maio (nas sementeiras) e, em Setembro (nas colheitas), toda a força de trabalho da comunidade é utilizada. Porém, findo estes períodos, muitos dos trabalhadores ficam disponíveis para o exercício de outras actividades ou para a migração, a qual, como dissemos, decorre depois daquele período.

Tendo em consideração o exposto, achamos oportuno classificá-las e analisá-las por sectores de actividade, mesmo sendo reduzida a amostra e discutível qualquer classificação.

Quadro 36 - Profissões dos naturais e residentes que migraram entre 1834-1862, por grupos sócio-profissionais

1. GRUPO SÓCIO-PROFISSIONAL		%	2. GRUPO SÓCIO-PROFISSIONAL		%	3. GRUPO SÓCIO-PROFISSIONAL		%
1.1 Agro-pecuária			2.1-Ofícios			3.1-Serviços e indep.		
trabalhador	62	30.8	alfaiate	5	2.5	clérigo	10	5.0
jornaleiro	25	12.4	tamanqueiro	3	1.5	académico	4	2.0
criado	15	7.5	caldeireiro	2	1.0	barbeiro	4	2.0
lavrador - caseiro	7	3.5	pedreiro	2	1.0	deputado da nação	3	1.5
proprietário-lavrador	6	3.0	vedor	2	1.0	administrador	2	1.0
			carvoeiro	1	1.0	bacharel	2	1.0
			confeiteiro	1	1.0	escrivão	2	1.0
			obreiro	1	1.0	artista	2	1.0
			sapateiro	1	1.0	desembargador	1	0.5
			serralheiro	1	1.0	soldado	1	0.5
						3.2-Comércio		
						almocreve	21	10.5
						tendeiro	7	3.5
						negociante	4	2.0
						estalajadeiro	1	0.5
						quinquilheiro	1	0.5
						vendedor ambulante	1	0.5
						boticário	1	0.5
Total	115	57	Total	19	9	Total	68	34

No grupo sócio - profissional - 1, incluem-se os que tinham actividade ligada à agricultura, lavradores-caseiros, jornaleiros e os trabalhadores, ou seja, todos aqueles cuja sobrevivência dependia exclusivamente do seu trabalho e cuja ocupação poderia ser em múltiplos serviços, normalmente na agricultura, mas nunca com carácter de especialização ou dedicação exclusiva.

No grupo sócio - profissional- 2, os que tinham uma profissão ligada à produção artesanal.

No grupo sócio - profissional 3, incluímos as profissões que exigiam instrução, as que estavam ligadas à administração pública, os artistas (aqueles que se dedicavam ao espectáculo), os académicos e os religiosos e os que tinham uma profissão ligada ao comércio, transporte e produção artesanal.

Ocupavam os primeiros lugares na mobilidade interna as profissões ligadas à agro-percuária, com um total de 115 indivíduos, donde se destacam os trabalhadores, jornaleiros e os criados. Em segundo lugar, situavam-se as profissões ligadas ao comércio e serviços, com um total de 68 saídas. Por último, situavam-se as profissões ligadas aos ofícios, como aqueles onde se verificava menor mobilidade espacial.

Dos dados concluiu-se que 57% dos migrantes integram o sector dos que possuem vínculos à terra, 34% ligados ao sector do comércio e serviços e 19% ligado aos ofícios.

Se existem profissões ou ocupações que manifestam maior disponibilidade ou apetência para migrar, o que tem significações socialmente diferenciadoras, quer no quadro das desigualdades económicas, quer na escala dos lugares sociais e simbólicas individuais e familiares, podemos concluir que a migração regional constitui um atributo dos que se encontram numa posição social frágil e economicamente desfavorecida.

Migrar é, em primeiro lugar, uma atitude masculina a quem se exige juventude e algum vigor físico, independentemente do seu estado civil. E, além disso, os que se encontram numa posição que, com o seu abandono temporário da terra de origem, não perturba a continuidade da posição social do grupo familiar de origem, dado que, sob o ponto de vista económico, se lhes pede um esforço acrescido de encontrar em qualquer actividade ou local o complemento de sobrevivência familiar.

Por outro lado, outros há que requereram guia de trânsito ou passaporte, sem que a sua intenção fosse obter rendimentos. São assim referidas saídas de carácter "turístico" ou "sanitário", como a "ida a banhos" e outras que, pelo destino e pela profissão dos saídos, correspondiam ao exercício de função de carácter político e administrativo.

6.5 Profissões por destinos migratórios

Quadro 37 - Profissões e destinos dos naturais e/ou residentes em Fafe, que migraram entre 1834-1862

REGIÃO	PROFISSÃO	PARCIAL	REGIÃO	PROFISSÃO	PARCIAL
NORTE	almocreve	14	DIF.TERRAS	tendeiro	5
	criado	4		caldeireiro	2
	padre	4		artista	1
	lavrador	3		negociante	1
	proprietário	3		quinquilheiro	1
	alfaiate	2		trabalhador	1
	bacharel	2		vendedor ambulante	1
	barbeiro	2			
	jornaleiro	2			
	tendeiro	2			
	artista	1			
	obreiro	1			
	tamanqueiro	1			
	vedor	1			
TOTAL		42	TOTAL		12
CENTRO	académico	4	LISBOA	clérigos	4
	alfaiate	1		almocreve	3
	barbeiro	1		proprietário	3
	escrivão de direito	1		administrador do concelho	2
	estalajadeiro	1		deputado da nação	2
	lavrador - caseiro	1		negociante	2
	soldado	1		barbeiro	1
	tamanqueiro	1		boticário	1
				confeiteiro	1
				escrivão do público	1
				sapateiro	1
TOTAL		10	TOTAL		21
SUL	trabalhador	59	PORTO	almocreve	4
	jornaleiro	22		padre	2
	criado	9		trabalhador	1
	lavrador - caseiro	3		serralheiro	1
	pedreiro	2		desembargador	1
	alfaiate	2		criado	1
	tamanqueiro	1			
	negociante	1			
	carvoeiro	1			
TOTAL		100	TOTAL		10

O destino ou itinerário migratório, constitui em si um indicador do lugar social daquele que se desloca de um lugar para outro, podendo, através do conhecimento do destino final, inferir-se da posição económica e social daquele que se desloca.

Da leitura do quadro anterior, fica claro, mesmo com uma amostra tão pouco significativa, que, no que se refere aos destinos, os trabalhadores, jornaleiros, criados e artesãos têm como destino o sul do país (Alentejo e Ribatejo), mais particularmente, as terras e vilas ribeirinhas do rio Tejo.

Os proprietários vão à Póvoa, referindo-se expressamente nos registos que vão a banhos e os letrados, funcionários públicos e religiosos têm como destinos preferenciais Lisboa, Porto e Coimbra.

Se excluirmos os destinos dos proprietários, dos religiosos e funcionários públicos, dado que a finalidade da saída não é obter rendimentos no exercício de qualquer actividade e num determinado local, ficamos com aqueles que são "forçados" a ausentar-se temporariamente do lugar de residência e naturalidade.

Inserem-se neste grupo aqueles que têm profissões ou ocupações às quais corresponde uma maior dependência económica, quer pela não posse de propriedade agrícola (lavradores-caseiros, jornaleiros, trabalhadores, criados) ou actividade artesanal permanente ou sazonal que ofereça rendimentos que garantam a sobrevivência económica das famílias.

Pesa na decisão de saída a construção de obrigações voluntariamente assumidas e esperadas, tais como: o casamento, quando o migrante é solteiro; o casamento de filho/a; o pagamento de dívidas e encargos, nomeadamente no caso dos lavradores-caseiros com prestações ou rendas fixas, decorrentes dos maus anos agrícolas; a morte de boi ou vaca, (quando pertença do senhorio); o pagamentos de promessa a santos.

Recolhemos testemunhos que nos informaram que, já na década de cinquenta e sessenta deste século, os caseiros emigravam recorriam a peditórios, feitos de porta em porta, para recolher fundos, por forma a indemnizar o arrendatário da morte de animal grande.

Encontram-se nestes casos: trabalhadores, jornaleiros, criados e lavradores-caseiros, repetindo uns anualmente o processo de saída nos meses de Maio e principalmente em meados de Setembro, Outubro, Novembro e às vezes em Dezembro,

durante vários anos e outros, por serem ocasionais respondiam a circunstâncias de urgência.

6.6 Profissões dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe

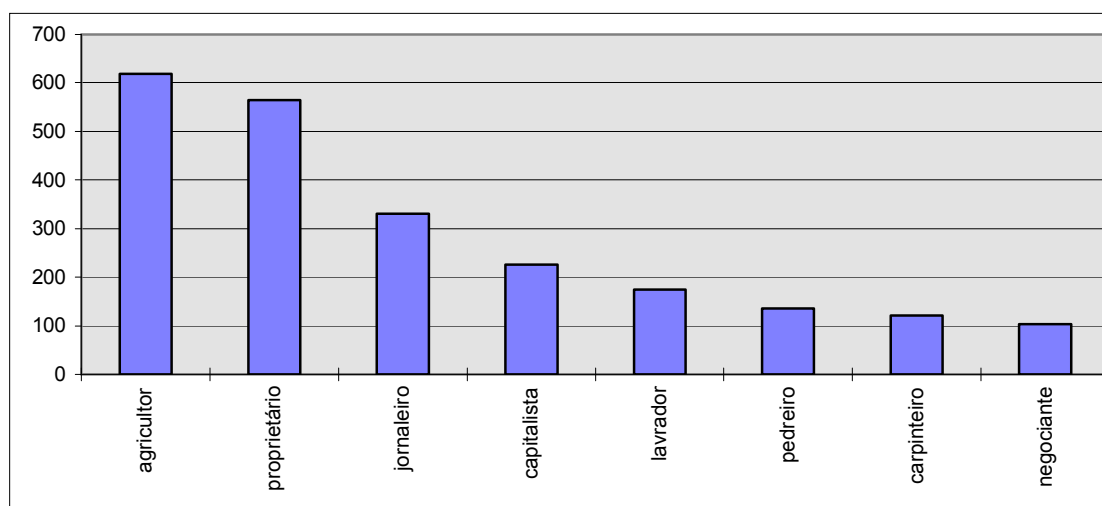
Quadro 38 - Profissões dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe entre 1834 e 1926

Profissões	total	%	Profissões	total
agricultor	619	20.9	calceteiro	2
proprietário	564	19.1	cantoneiro	2
jornaleiro	330	11.1	chapeleiro	2
capitalista	226	7.6	chauffeur	2
lavrador	174	5.9	cocheiro	2
pedreiro	135	4.6	criveiro	2
carpinteiro	121	4.1	electricista	2
negociante	103	3.4	engomadeira	2
empregado comercial	73	2.4	louceiro	2
serviçal	69	2.3	marítimo	2
trabalhador	67	2.3	músico	2
alfaiate	57	1.9	professor	2
estudante	49	1.7	tecelão	2
caixeiro	45	1.5	tipógrafo	2
doméstica	32	1.0	advogado	1
costureira	31	1.0	armador	1
barbeiro	28	0.9	Bacharel	1
sapateiro	24	0.8	caldeireiro	1
operário	19	0.6	carregador	1
caiador	17	0.5	escriturário	1
criado	14	0.5	familiar	1
vendeiro	13	0.4	farmacêutico	1
escrevente	12	0.4	fogueiro	1
comerciante	12	0.4	fogueteiro	1
serralheiro	11	0.3	hortelão	1
tamanqueiro	10	0.3	latoeiro	1
ferreiro	7	0.2	leiteiro	1
padeiro	5	0.1	mineiro	1
artista	4	0.1	modista	1
funileiro	4	0.1	penteeiro	1
padre	4	0.1	sardinheiro	1
serrador	4	0.1	seleiro	1
tecedeira	4	0.1	taberneiro	1
cortador de carnes	3	0.1	vendedor ambulante	1
marceneiro	3	0.1	vendilhão	1
moleiro	3	0.1	zelador municipal	1
trolha	3	0.1		

Encontramos aqui 73 profissões ou ocupações distintas, ou seja o dobro das que encontramos para os migrantes, o que se explica pelo facto de as primeiras corresponderem ao período de 1834-62 e estas se referirem a 1834-1926. Por outro lado a amostra das profissões dos que migraram para destinos regionais era apenas de 5,7% e a dos emigrantes era de 40%.

Do quadro anterior infere-se que em 7321 emigrantes, é conhecida a profissão de 2949, ou seja, a amostra das profissões corresponde a 40,3% do total dos saídos, estando cada uma delas representada em termos percentuais em: 21%, agricultores; 19%, proprietários; 11%, jornaleiros; 7,6%, capitalista; 5,9%, lavradores; 4,6%, pedreiros; 4%, carpinteiros; 3,4%, negociantes; 2,4%, empregados comerciais; 2,3%, serviçais; 2,3% trabalhadores.

Gráfico 36 - Profissões dos emigrantes saídos de Fafe entre 1834 e 1926



6.6.1 Profissões agrupadas dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe entre 1834 e 1926

No sentido do aprofundamento das conclusões perspectivadas para o conhecimento dos emigrantes e da emigração, agrupamos as profissões/ocupações dos emigrantes, tendo em conta critérios de afinidade ocupacional e social e organizadas por ordem decrescente: agricultura, todos os que tinham vínculos directos ou indirectos à

terra; trabalhadores dependentes, os que trabalhavam por conta de outrem vivendo ou não na casa do contratante; construção civil; independentes, os que tinham um estatuto social ou profissional indicador de uma existência feita através de rendimentos ou não produtiva; comércio, todos os que estavam ligados a esta actividade, independentemente de o fazer na condição de dependentes ou independentes, ou seja, por conta própria ou na dependência de outrem; calçado, têxteis e confecção; serviços; alimentar; indústrias metálicas.

Quadro 39 - Profissões agrupadas dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe entre 1834 e 1926

AGRICULTURA	T. P.	TRABALHADORES DEPENDENTES	T.P.	CONSTRUÇÃO CIVIL	T.P.	INDEPENDENTES	T.P.	COMÉRCIO	T.P.
agricultor	619	jornaleiro	330	pedreiro	135	capitalista	226	negociante	103
lavrador	174	serviçal	69	carpinteiro	121	estudantes	49	empreg. comercial	73
proprietário	564	trabalhador	67	caiador	17	padre	4	caixeiro	45
		doméstica	32	serralheiro	11	artista	4	vendeiro	13
		criado	14	serrador	4	advogado	1	comerciante	12
		engomadeira	2	marceneiro	3	familiar	1	louceiro	2
		hortelão	1	trolha	3	bacharel	1	leiteiro	2
				calceteiro	2			farmaceutico	1
				cantoneiro	2			vended. ambulante	1
				electricista	2			taberneiro	1
								vendilhão	1
								sardinheiro	1
total	1357	total	515	total	300	total	286	total	255
CALÇADO, TÊXTEIS E CONFECÇÃO		SERVIÇOS		ALIMENTAR: PANIFICAÇÃO E CARNES		INDÚSTRIAS METÁLICAS		OUTRAS	
alfaite	57	barbeiro	28	padeiro	5	funileiro	4	criveiro	2
costureira	31	escrevente	12	moleiros	3	caldeireiro	1	seleiro	2
sapateiro	24	chauffeur	2	cort.de carnes	1	ferreiro	7	penteeiro	1
operário	19	cocheiro	2			latoeiro	1	mineiro	2
tamanqueiro	10	marítimo	2					fogueteiro	1
tecedeira	4	músico	2						
chapeleiro	2	tipógrafo	2						
tecelão	2	professor	2						
fogueiro	1	armador	1						
modista	1	carregador	1						
		escriturário	1						
		zel. municipal	1						
total	151	total	56	total	9	total	13	total	7

No quadro anterior agrupamos as profissões/ocupações dos emigrantes ordenadas por ordem decrescente: 1357, com vínculos directos ou indirectos à terra; 515, trabalhadores dependentes; 300, trabalhadores da construção civil; 286, independentes;

255, comércio e serviços; 151, trabalhadores na fabricação de calçado, têxteis e confecção; 56, nos serviços; 13, trabalhadores das indústrias metálicas; 9, no sector alimentar da panificação e carnes.

Podemos concluir, dos dados apresentados nos quadros anteriores, que a emigração estava fortemente representada pelos que tinham ocupações e vínculos à terra. Porém, se perspectivarmos a análise do estatuto social, os grupos melhor posicionados socialmente são os que mais emigram: proprietários, lavradores, capitalistas, negociantes, empregados comerciais, caixeiros, vendeiros, comerciantes, estudantes.

6.7 Profissões da emigração por sector de actividade

Seguindo os mesmos critérios utilizados para as profissões/ocupações da população migrante, e como dissemos, nem sempre uma ocupação corresponde a uma profissão, quando tratamos de analisar as sociedades camponesas ou agrárias.

Os limites das ocupações ligadas à terra, são difíceis de definir, dado que existem expressões, como a de proprietário, onde não é claro se vive dos rendimentos de uma propriedade agrícola, ou se explora terras próprias e, ainda, se além de trabalhar terras próprias tem outras arrendadas. Por outro lado, e no que se refere a ocupações artesanais ou "ofícios" estes nem sempre correspondem ao exercício a tempo inteiro da actividade, sendo muitas das vezes complementares da actividade agrícola.

No que se refere aos "ofícios", estes sendo de carácter artesanal, são, ao mesmo tempo, de carácter comercial, dado que, os mesmos exercem a venda dos seus próprios produtos, não raras vezes exercidas em simultâneo com a ocupação agrícola.

Partindo dos mesmos critérios utilizados para o grupo dos migrantes, organizamos as profissões em classes ou sectores:

Na classe 1, os que tinham actividade ligada à agricultura, como proprietários, lavradores, agricultores, caseiros e jornaleiros e os que, não tendo profissão definida, são designados por trabalhadores, ou seja, todos aqueles, cuja sobrevivência dependia exclusivamente do seu trabalho e cuja ocupação poderia exercer-se em múltiplos

serviços, normalmente na agricultura, mas nunca com carácter de especialização ou dedicação exclusiva

Na classe 2, os que tinha como profissão/ocupação ligada à construção civil, vestuário, metalurgia, alimentação etc.

Na classe 3- seguindo, também aqui, os critérios de Jorge Alves [1994:198], agrupamos neste sector «as profissões ligadas ao comércio, transporte, ensino, artes e serviços intelectuais» e os que tinham uma ocupação ligada ao comércio, os que estavam ligados a actividades de transformação artesanal, ainda que podendo ser vendedores dos seus próprios produtos, bem como as que exigiam instrução. Nele incluimos ainda os que estavam ligados à administração pública, saúde, os artistas (aqueles que se dedicavam ao espectáculo) e os que se dedicavam à vida religiosa. Na classe dos serviços, e por forma a distinguir aqueles que prestavam serviços por conta de outrem, tal como os criados e serviçais, dos que os exerciciam por sua conta, definimos duas sub-classes.

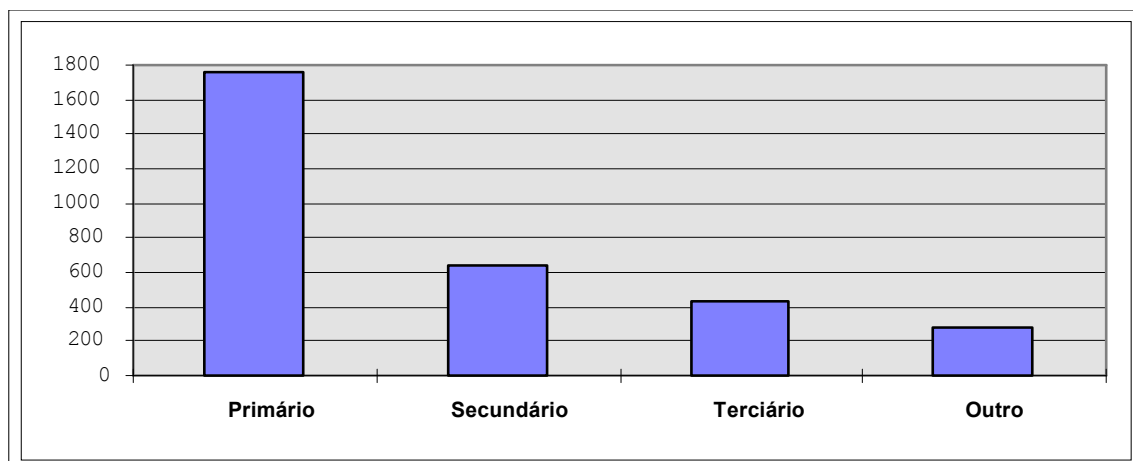
Na classe 4, e por último, criamos um quarto grupo para agrupar os não activos, tais como os capitalistas que viviam de rendimentos ou, os que, trabalhando, poderiam não o fazer, vivendo deles. Muitos deles integrando processos de reemigração, atribuíam a si próprios essa designação (ou a sociedade e funcionário da administração registava como tal). Incluimos aqui, ainda os estudantes e os que eram designados por familiares).

Quadro 40 - Profissões dos naturais e/ou residentes em Fafe por sector de actividade e que emigraram entre 1834-1926

Sector/classe	Actividades	total parcial	% parcial
1-Primário	1.1-Agro-pecuária	1756	56.6
	1.2-Minas	1	0.0
total		1757	56.6
2-Secundário	2.1-Construção civil	438	14.1
	2.2-Vest. Text. Calçado	153	4.9
	2.3-Metalurgia	24	0.7
	2.4-Madeira	2	0.0
	2.5-Alimentação/panificação	11	0.3
	2.6-Tipografia	2	0.0
	2.7-Olaria	2	0.0
	2.8-Electricidade	2	0.0
	2.9-Pirotecnia	1	0.0
total		636	20.5
3-Terciário	3.1-Comércio	250	8.0
	3.2-Transportes	9	0.3
	3.3-Saúde e Higiene	1	0.0
	3.4-Artes	6	0.2
	3.5-Ensino	2	0.0
	3.7-Serviços (trabalho dependentes)	116	3.7
	3.7-Serviços (trabalho independente)	30	1.0
	3.8-Serviços públicos	14	0.5
	3.9-Religiosos	4	0.1
total		432	13.9
4-Outro	4.1-não activos (capitalistas, estudantes, familiares)	276	
total		276	8.9
total global		3101	100
	profissão/ocupação não identificada	4220	

Analisando as profissões dos emigrantes por sector de actividade, e segundo a nossa classificação, concluímos que 56,6% tinham ocupações no sector primário; 20,5% no sector secundário, 14%; no sector terciário e num quarto sector (não activos), 8.9%. Considerando que os dados cobrem cerca de cem anos e ainda subjectividade dos critérios por nós utilizados, verificamos que a população emigrante com profissões ou ocupações ligadas à terra, ou que com ela mantém fortes vínculos, corresponde ao triplo das que referimos para o sector secundário e cerca de cinco vezes superior à ocupada no sector terciário.

Gráfico 37 - Profissões dos naturais e/ou residentes em Fafe por sector de actividade e que emigraram entre 1834-1926



6.8 A profissão dos emigrantes naturais e/ou residentes em Fafe, ao longo de quatro décadas

Quadro 41 - Profissões mais representadas nos anos de 1886, 1887, 1898, 1907

PROFISSÕES 1887	TOTAL	PROFISSÕES 1897	TOTAL	PROFISSÕES 1907	TOTAL
proprietário	22	capitalista	12	proprietário	33
agricultor	21	proprietário	11	capitalista	15
estudante	12	trabalhador	9	empreg. comercial	13
capitalista	11	lavrador	7	lavrador	13
Jornaleiro	9	jornaleiro	6	agricultor	11
pedreiro	3	alfaiate	3	trabalhador	8
alfaiate	2	agricultor	2	carpinteiro	7
cantoneiro	2	barbeiro	2	negociante	5
costureira	2	carpinteiro	2	barbeiro	4
negociante	2	costureira	2	Jornaleiro	4
sapateiro	2	serviçal	2	alfaiate	3
serviçal	2	doméstica	1	sapateiro	3
vendeiro	2	negociante	1	serviçal	3
caixeiro	1			funileiro	2
caldeiro	1			pedreiro	2
carpinteiro	1			caixeiro	1
comerciante	1			criado	1
ferreiro	1			doméstica	1
lavrador	1			estudante	1
louceiro	1			operário	1
padeiro	1			professor	1
seleiro	1				
tecedeira	1				

Gráfico 38 - Profissões dos emigrantes em 1887

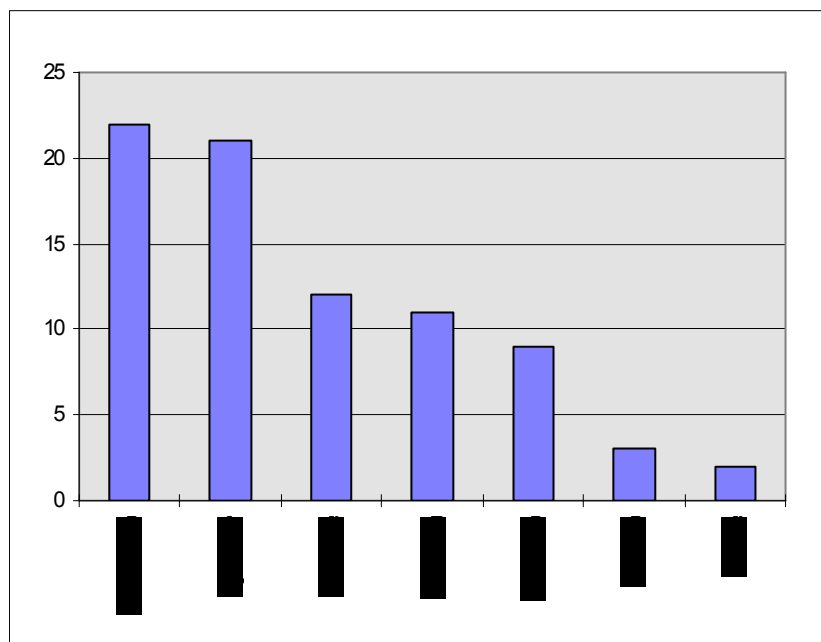


Gráfico 39 - Profissões dos emigrantes em 1897

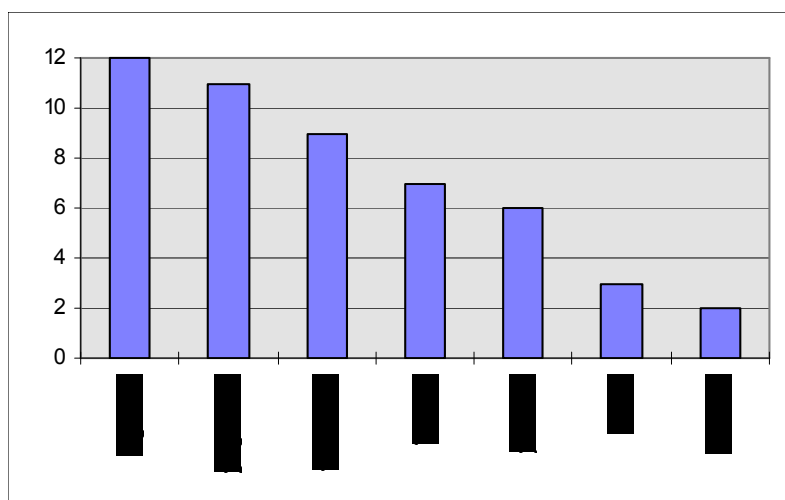
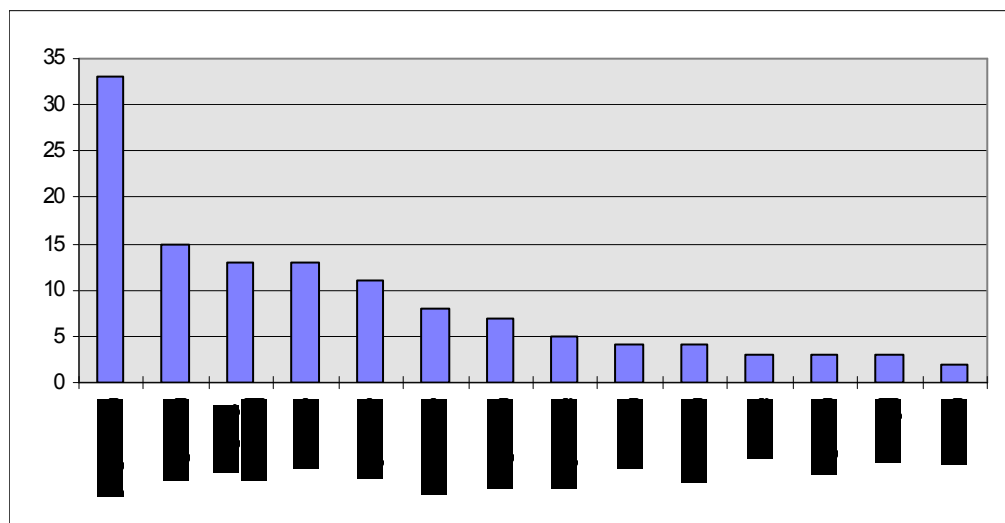


Gráfico 40 - Profissões dos emigrantes em 1907



Do quadro anterior e dos gráficos correspondentes, concluímos que na emigração local predominaram, em 1887, os proprietários, agricultores e estudantes; em 1897, os capitalistas, proprietários e trabalhadores; em 1907, os proprietários, capitalistas e empregados comerciais.

Podemos concluir que os proprietários e os capitalistas ocuparam um lugar de relevo na emigração e que os agricultores que ocupavam inicialmente um lugar importante foram substituídos nesse lugar pelos empregados comerciais três décadas depois, ainda que os ocupados em trabalhos ligados à terra mantenham um lugar importante ao longo das três décadas referidas.

6.9 Profissão dos emigrantes naturais de Fafe e residentes no Porto

Quadro 42 - Profissões dos emigrantes naturais de Fafe e residentes no Porto e que emigraram entre 1836-1885

Profissões	total	%
negociante	60	27.1
alfaiate	29	13.1
lavrador	21	9.5
carpinteiro	20	9.0
trabalhador	15	6.8
caixeiro	10	4.5
ferreiro	10	4.5
sapateiro	10	4.5
pedreiro	9	4.1
barbeiro	3	1.4
chapeleiro	3	1.4
marceneiro	3	1.4
tamanqueiro	3	1.4
comerciante	2	0.9
correeiro	2	0.9
meretriz	2	0.9
proprietário	2	0.9
serralheiro	2	0.9
criado de servir	2	0.9
barbeiro	1	0.5
capitalista	1	0.5
confeiteiro	1	0.5
encadernador	1	0.5
fabricante	1	0.5
farmacêutico	1	0.5
guarda-livros	1	0.5
livreiro	1	0.5
mestre escola	1	0.5
ourives	1	0.5
pregoeiro	1	0.5
professor de latim	1	0.5
servente	1	0.5
trabalhador	1	0.5
Total	221	100
profissão desconhecida	1159	

Conforme o quadro anterior, em 1380 passaportes emitidos aos naturais do concelho de Fafe, e que nós, por critério, temos vindo a considerar como residentes no Porto, dado que fora aí que requereram os respectivos passaportes, apenas é conhecida a

profissão ou ocupação de 221 emigrantes, o que corresponde a 16%, sendo desconhecida a profissão de 84%.

No entanto, e tendo como amostra as profissões indicadas, verificamos que a profissão mais representada é a de negociante com 27% do total das profissões declaradas, seguindo-se a de alfaite com 13%, depois a de lavrador com 9,5% e a de carpinteiro com 9%.

Somando as profissões ligadas à actividade comercial: negociante, caixeiro e comerciante, a percentagem de 27% sob para 32,5%.

Estes dados mostram-nos que comparando as profissões dos que saem da cidade do Porto com a dos que saem de Fafe, os primeiros pertencem predominantemente ao sector terciário e os segundos têm profissões no sector primário.

6.10 Análise comparativa das profissões da migração e da emigração e segundo diferentes destinos.

Quadro 43 - Profissões dos migrantes e emigrantes

destino interno dos naturais e/ou residentes em Fafe (1834-1862)	T o t a l	%	destino externo dos naturais e/ou residentes em Fafe (1834-1926)	T o t a l	%	destino externo dos naturais e residentes no Porto (1836-1885)	T o t a l	%
trabalhador	62	30.8	agricultor	619	20.9	negociante	60	27.1
jornaleiro	25	12.4	proprietário	564	19.1	alfaite	29	13.1
almocreve	21	10.4	jornaleiro	330	11.1	lavrador	21	9.5
criado	15	7.5	capitalista	226	7.6	carpinteiro	20	9.0
clérigo	10	5.0	lavrador	174	5.9	trabalhador	15	6.8
lavrador - caseiro	7	3.5	pedreiro	135	4.6	caixeiro	10	4.5
tendeiro	7	3.5	carpinteiro	121	4.1	ferreiro	10	4.5
proprietário-lavrador	6	3.0	negociante	103	3.4	sapateiro	10	4.5
alfaite	5	2.5	empregado-comercial	73	2.4	pedreiro	9	4.1
negociante	4	2.0	serviçal	69	2.3	barbeiro	3	1.4
académico	4	2.0	trabalhador	67	2.3	chapeleiro	3	1.4
barbeiro	4	2.0	alfaite	57	1.9	marceneiro	3	1.4
tamanqueiro	3	1.5	estudante	49	1.7	tamanqueiro	3	1.4
deputado da nação	3	1.5	caixeiro	45	1.5	comerciante	2	1.0
caldeireiro	2	1.0	doméstica	32	1.0	correeiro	2	1.0
pedreiro	2	1.0	costureira	31	1.0			
vedor	2	1.0	barbeiro	28				
administrador	2	1.0	sapateiro	24				
bacharel	2	1.0	operário	19				
escrivão	2	1.0	caiador	17				
artista	2	1.0	criado	14				

Finalmente, no quadro anterior, comparámos as profissões, tendo em conta três situações distintas: os migrantes naturais e/ou residentes no concelho de Fafe os emigrantes naturais e/ou residentes no concelho de Fafe e os emigrantes naturais de Fafe, mas que residiam no Porto (critério que estabelecemos para designar os que

requereram passaporte no Governo Civil do Porto). Tivemos ainda em conta que a amostra é diferente, quer em termos cronológicos, quer em valores absolutos.

Assim verificamos que:

1º- Os naturais e/ou residentes no concelho de Fafe, que migraram para destinos internos, com a profissão/ocupação de trabalhadores e jornaleiros, ocupam o primeiro e segundo lugar, respectivamente com 30,8% e 12,4%, na migração;

2º- Dos naturais e/ou residentes no concelho de Fafe, que emigraram para destinos externos ou intercontinentais, 21% eram agricultores e 19% eram proprietários, surgindo em terceiro lugar os jornaleiros com 11%;

3º- Dos naturais de Fafe, mas residentes no Porto, que emigraram para destinos externos ou intercontinentais, 27% eram negociantes, 13% alfaites, 9,5% lavradores e 9% carpinteiros.

Como conclusão final geral verificamos que:

A)- A migração correspondia a estratos sociais de fracos recursos e a indivíduos com fracos laços de ligação à terra, ou cujos laços de ligação não constituíam vínculos de propriedade. Estes encontravam-se disponíveis na aldeia em tempo de menor actividade agrária, ou seja, durante os meses de Inverno, com fraca oferta de trabalho para a mão-de-obra disponível.

B)- Na emigração dos naturais e/ou residentes em Fafe, que requeriam passaporte na administração do concelho, predominavam, com 46%, as profissões ou ocupações com fortes vínculos à terra (proprietários, agricultores e lavradores), num total de 1357, estando representados os proprietários com 42%.

Tendo como referência a estrutura socio-económica de 1881/82, em que 43% de 4607 eleitores eram proprietários e apenas 9% eram elegíveis a deputados, concluimos, face à elevada percentagem de proprietário emigrantes, que a emigração para o Brasil era um atributo das elites rurais.

C)- A emigração dos naturais de Fafe, que requereram passaporte no Porto, era constituída predominantemente por indivíduos ligados ao comércio com 33% (negociantes, comerciantes e caixeiros) e aos ofícios.